

FRENTE: REDAÇÃO

PROFESSOR: DANIEL VICTOR

ASSUNTO: A FÁBULA E O APÓLOGO

EAD – MEDICINA

AULA 07



Resumo Teórico

A Fábula e o Apólogo

A fábula é uma narrativa ficcional curta cuja mensagem pode ser sintetizada em uma moral no final do texto, ou seja, um ensinamento encerra uma lição. Suas personagens, geralmente animais, representam características e sentimentos humanos e é comum o diálogo entre elas.

Esopo inventava histórias em que os animais eram os personagens. Por meio dos diálogos entre os bichos e das situações que os envolviam, ele procurava transmitir sabedoria de caráter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para o ser humano.

Já o apólogo se assemelha à fábula em todos os aspectos, tanto estruturais quanto formais. No entanto, a peculiaridade que a difere da fábula é o fato de os personagens não serem mais animais, e sim objetos, que ganham vida e características humanas, assim como nas fábulas.

Estrutura

1. Título, que contém o nome dos animais.
2. Na introdução, os personagens são apresentados: pode haver descrições de suas características (físicas e psicológicas). A ação também pode iniciar-se aqui.
3. Nos parágrafos seguintes, há a sequência das ações, que serão desenvolvidas pelas personagens.
4. A conclusão é o fim da ação, cuja moral pode estar implícita ou explícita.
5. Na linha seguinte, deve haver os seguintes dizeres: "Moral da história: _____"

Exemplo:

O LEÃO E O INSETO

Um Inseto se aproximou de um Leão e disse sussurrando em seu ouvido: "Não tenho nenhum medo de você, nem acho você mais forte que eu. Se você duvida disso, eu o desafio para uma luta, e assim, veremos quem será o vencedor."

E voando rapidamente sobre o Leão, deu-lhe uma ferroadada no nariz. O Leão, tentando pegá-lo com as garras, apenas atingia a si mesmo, ficando bastante ferido.

Desse modo, o Inseto venceu o Leão e, entoando, o mais alto que podia, uma canção que simbolizava sua vitória sobre o rei dos animais, foi embora relatar seu feito para o mundo. Mas, na ânsia de voar para longe e rapidamente espalhar a notícia, acabou preso numa teia de aranha.

Então se lamentou, dizendo: "Ai de mim, eu que sou capaz de vencer a maior das feras, fui vencido por uma simples Aranha."

Moral da história: o menor dos nossos inimigos é frequentemente o mais perigoso.

Esopo. "O leão e o inseto".



Exercícios

- (CAp-UFRJ) Texto para as questões de 01 a 03.

Texto I

AINDA EXISTEM HERÓIS?

A foto dá arrepios: um homem tenta subir desesperadamente para a plataforma do metrô, o trem já entrando na estação. A imagem registra os últimos segundos da vida de Ki Suk Han, 56 anos, coreano empurrado por um desconhecido para o buraco dos trilhos, em pleno centro de Manhattan, na última segunda-feira, 03/12. A cena estampada na capa do *New York Post*, um tabloide do magnata James Murdoch, escandalizou e chocou a cidade semana passada.

Passaram-se cerca de 22 segundos entre o primeiro grito e o momento em que o trem atingiu o homem. No país do mítico John Wayne e do indestrutível Super-Homem, nenhum herói apareceu para evitar a tragédia, ninguém naquela plataforma botou de lado o medo e escolheu agir para salvar o cara.

O que você faria? O fotógrafo freelancer R. Umar Abassi registrou a cena. Muitas vezes. Na versão dele, disparou o *flash*, freneticamente, na esperança de alertar o maquinista e fazê-lo parar o trem a tempo. Nem olhou as fotos, entregou o *chip* da memória na redação e só reapareceu dois dias depois para se defender das críticas.

“A verdade é que eu não conseguiria alcançar aquele homem”, argumenta. Nas imagens captadas pelo fotógrafo, as pessoas na estação de metrô também pareciam imobilizadas. Testemunhas contam que muitos gritaram, acenaram, a maioria sacou o celular e filmou.

A polícia usou as imagens para prender o assassino, um morador de rua, conhecido pelos comerciantes de Times Square, a quem ajudava a montar e desmontar barracas, em troca de US\$ 10 a US\$ 40. Todos viram o bate-boca dele com Suk Han e, momentos depois, o empurrão para a morte. “Foi tudo tão rápido”, repete o fotógrafo.

“Tirar a foto pode ser quase um reflexo”, acha Aypery Karabuda, diretora de imagem da maior agência do mundo, a Thomson Reuters. “Vender é outra história e a decisão de publicar merece uma reflexão”, diz.

O tratamento dado pelo *New York Post* à imagem não foi intempestivo. Levou em conta o impacto comercial e o apelo emocional da foto, publicada dois dias seguidos na capa do tabloide, com o mesmo título: Este homem está prestes a morrer. Reproduzida infinitamente em programas de televisão, mídias sociais e *blogs*, a primeira página do jornal foi quase unanimemente considerada de extremo mau gosto. Não tem sangue, mas é chocante a exploração da luta solitária do homem para escapar da morte, bem no centro de uma das cidades mais movimentadas do mundo. O venerando *New York Times* também foi acusado de ultrapassar as fronteiras do bom gosto há poucos meses por publicar a foto do embaixador dos EUA, Christopher Stevens, sendo carregado morto na Líbia. A imagem não tinha uma gota de sangue, mas reproduzia a desproteção do americano que acabara de morrer, longe de casa, no meio de um ataque violento. Foi um choque nos EUA, passou sem despertar maior atenção no Brasil.

Jornalistas, especialmente fotógrafos, são acusados de indiferença diante do perigo e da miséria ao trabalharem em situações extremas, como guerras, tragédias naturais, atentados. Não é simples saber o momento de deixar a câmera ou o gravador de lado e tentar ajudar.

“Não tenho regras, só quem está vivendo o momento pode saber”, disse o jornalista Anderson Cooper, uma estrela da CNN, acostumado a ver a morte de perto no Oriente Médio, explicando-se para o fotógrafo que documentara o crime no metrô da Rua 49. É um fantasma que assombra todo correspondente de guerra e certamente a maioria dos repórteres durante a cobertura de tragédias. Radhika Chalassi, uma *freelancer* cobrindo a guerra civil no Sudão, foi obrigada a fazer uma escolha dramática que relembra a cada nova cobertura.

“Até hoje, não sei se necessariamente fiz a coisa certa”. Em depoimento ao *Guardian*, ela conta que fora com um grupo de fotógrafos a um campo de refugiados e todos se depararam com umas crianças sobreviventes, sozinhas no meio de lugar nenhum. Queria levar os meninos no carro com ela, os colegas acharam que seria perigoso, optou por avisar a um funcionário da Cruz Vermelha. No dia seguinte, um jornalista encontrou crianças no mesmo lugar, impossível saber se eram outras ou as mesmas.

Novas tecnologias criam novas fronteiras éticas. Numa era em que todos têm uma câmera na mão, novos horrores serão registrados em massa em câmeras de segurança ou celulares. O direito à informação é uma conquista, mas solidariedade, compaixão e emoção fazem o mundo melhor.

Disponível em: < <http://www.cap.ufjf.br/concurso/Aluno/Aluno-2014/LP-21.pdf>>.

01. (UFRJ) No texto I, há a formulação e defesa de um ponto de vista por meio de argumentação e exemplificação. Tomando por base o fato principal que motivou o texto I e a postura do fotógrafo, assim como a do jornal que a publicou, indique o ponto de vista defendido no texto.
02. (URFJ) Levando em conta que herói é aquele que suporta exemplarmente uma sorte incomum, como infortúnios e sofrimentos, ou que arrisca a vida pelo dever ou em benefício do outro, transcreva do texto I o fragmento que melhor descreve um comportamento anti-heroico.
03. (UFRJ) Considerando o 8º parágrafo do texto I, explique por que “Não é simples saber o momento de deixar a câmera ou o gravador de lado e tentar ajudar”.

• (CAp) Texto para as questões 04 e 05.

Texto II

A GUERRA DOS SEXOS ACABO?

“Os homens estão há 400 anos dominando. As mulheres começaram a aparecer há 40 – ainda têm muito chão para andar, mas estão indo rápido”, diz a jornalista americana Hanna Rosin, autora de *The end of men* (O fim dos homens, ainda sem tradução no Brasil). (...)

As leis e regras que igualam as oportunidades já existem. Em todos os países democráticos, é crime oprimir ou discriminar mulheres, em qualquer ambiente. Ao menos na lei, foram abertos os caminhos para que elas ocupem as empresas e os cargos políticos. As mulheres formandas no ensino superior no Brasil vêm superando os homens em mais de 40%. Nos Estados Unidos, elas também são maioria na universidade. “As mulheres ouviram com mais clareza a mensagem de que a economia mudou, e os homens têm dificuldade para ouvi-la ou responder a ela”, escreveu em abril o economista Michael Greenstone, do MIT. Os resultados surgiram. Os sinais da ascensão feminina estão dispersos (1), mas são eloquentes (2). No Brasil, em processo de enriquecimento, elas chefiam mais de um terço dos lares e criam metade das empresas nascentes. (...)

As empresas passaram a procurar avidamente características consideradas, erroneamente ou não, mais femininas que masculinas – versatilidade, empatia com diferentes grupos, capacidade de perceber e conciliar interesses diversos. (...)

Contudo, há uma barreira natural à evolução profissional das mulheres: a maternidade. É difícil dizer até que ponto investir na família é uma opção pessoal ou pressão social. Mais complicado ainda definir se as mães são discriminadas na hora da promoção ou se tiram o pé do acelerador por conta própria. Hanna entrevistou 750 cônjuges de famílias em que a mulher recebia o principal salário ou só ela trabalhava. Mesmo nessa situação, mais de três quartos delas eram responsáveis pelos cuidados com as crianças e a casa ou, no máximo, dividiam as tarefas meio a meio. “As mulheres avançam no mercado de trabalho mas nem por isso conseguem mais apoio para cuidar das crianças”, diz Hanna.

Já o avanço na cultura e nos costumes é mais difícil. “Enquanto a mulher brasileira for liberal na rua mas machista em casa, o avanço será apenas econômico”, afirma a historiadora Mary Del Priore. A mulher brasileira também se apega mais à tradição do que a americana e a europeia. O casamento, no país, ainda tem um valor social tão ou mais forte que o afetivo. “Ter marido e filhos, no Brasil, ainda parece prova que você é bem-sucedida”, diz a antropóloga Mirian Goldenberg, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “É o que chamamos de marido como capital.” A importância dada ao casamento no Brasil cria mulheres mais ansiosas e submissas nos relacionamentos.

(...) Sendo assim, o avanço feminino exigirá uma mudança de estratégia. O que serviu às mulheres nos anos 1980 não se aplica ao século XXI. A antropóloga Mirian considera encerrada a guerra dos sexos no formato antigo. “Hoje, a briga das mulheres é com a imposição do ideal de beleza inatingível, com o Estado, que não garante os direitos dela, e com o empregador, que não necessariamente é um homem. E também com ela mesma, que exige demais de si.”

Reportagem de Marcos Coronato, Flávia Yuri e Marina Navarro Lins
Disponível em: < http://www.cap.ufrj.br/ProvasGabaritos/ProvaLinguaPortuguesa2013_1EM.pdf >

1. espalhados 2. expressivos, significativo.

04. (UFRJ) Leia o fragmento abaixo, extraído do texto II: “Ao menos na lei, foram abertos os caminhos para que elas ocupem as empresas e os cargos públicos.”

A) Qual a informação implícita nesse fragmento?

B) Indique a expressão responsável pelo sentido implícito.

05. (UFRJ) Explique com suas próprias palavras a contradição presente na seguinte afirmação: “Enquanto a mulher brasileira for liberal na rua mas machista em casa, o avanço será apenas econômico.”

- (Cap-UFRJ) Texto para as questões de 06 a 09.

Texto III

EU SEI, MAS NÃO DEVIA

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar-condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito.

A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Marina Colasanti

COLASANTI, Marina. "Eu sei, mas não devia". Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 9-10

06. Reescreva os períodos abaixo, substituindo o termo destacado por outro de sentido equivalente. Faça apenas as alterações necessárias.

A) "A ser **instigado**, conduzido, desnordeado, lançado na infundável catarata dos produtos."

B) Os fichas-sujas aproveitam-se desse estado de **resignação** da opinião pública para alegar que indignação é 'coisa da mídia'."

07. Identifique qual assunto tratado no 3º parágrafo do texto III. Justifique sua resposta, exemplificando com verbos utilizados nesse parágrafo.

08. O décimo parágrafo do texto III assume um papel diferenciado no texto. Explique que papel é esse.

09. O primeiro parágrafo do texto III é composto por dois períodos, contendo uma afirmação que será desenvolvida ao longo do texto. Diante disso, explique o efeito de sentido produzido pela pontuação utilizada entre os períodos do 1º parágrafo.

10. Reescreva a frase seguinte corrigindo o problema ortográfico:

O ancioso rapaz não conseguiu vencer o pensamento de obsessão, por isso procurou um especialista.

11. (Ufes) As frases a seguir compõem um fragmento de texto de Sírio Possenti e estão fora da ordem em que aparecem no texto original. Considerando as noções de coesão e coerência, organize-as, de forma que o texto daí resultante produza sentido.

A trama é a seguinte: um repórter desempregado aceita emprego novo, responder à correspondência das leitoras de uma revista feminina.

Um tal Pedro Redgrave, no entanto, estabelece com ele uma correspondência mais sólida. Cartas e respostas se sucedem.

"Corações solitários" é um dos bons contos de Rubem Fonseca.

Até que um dia o repórter descobre que Pedro Redgrave é de fato seu chefe. As razões pelas quais lhe escreve são ambíguas, e nisso reside o interesse principal do conto.

Leiam. É ótimo.

Assina com nome feminino, para permitir a necessária confiança e dar credibilidade ao trabalho.

Recebe cartas de todos os tipos – quer dizer, de pouquíssimos tipos, são as mesmas coisas de sempre – e dá respostas estereotipadas sobre como cuidar de filhos, de filhas, de maridos, de amantes, da saúde etc.

POSSENTI, SÍRIO. "Gramáticos solidários". In: _____. *Mal comportadas linguas*. Curitiba: Criar, 2000. p. 75.

12. (UFRN) A primeira versão do convite, transcrita abaixo, apresenta problemas relacionados com a norma culta escrita.



CONVITE

O Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Prof. Dr. José Ivonildo do Rêgo, convida Vossa Senhoria para a aula magna, a ser proferida pelo cientista Miguel Nicolelis, Presidente do Instituto Internacional de neurociência de Natal e professor da Universidade de Duke, nos Estados Unidos. A aula, cujo tema será "Fronteiras da Neurociência" ocorrerá no dia 22 de fevereiro de 2008, às 8:30h, no auditório dessa Reitoria.

Confirmar presença.
Telefone: (84) 3215.3000
Fax: (84) 3215.3001

E-mail: confirmação@reitoria,ufrn.br

No quadro abaixo, transcreva dois trechos contendo, cada um deles, um problema e indique a linha na qual eles estão. Em seguida, proceda à devida correção.

Linha	Transição dos trechos com problema	Versão dos trechos corrigidos

13. Leia o fragmento da notícia a seguir.

A Polícia Militar do Rio de Janeiro informou **que** 20 policiais feridos estão presos no prédio da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro), nesta segunda-feira (17), no centro do Rio, à espera de atendimento médico. Um grupo de cerca de 10 PMs chegou há pouco no local, atirando balas de borracha e bombas de gás a fim de dispersar os manifestantes **que** continuam jogando pedras e bloqueando a portaria dos fundos do edifício histórico.

Acesso em: 17 jun. 2013.

- A) Com base na leitura do texto e nos conhecimentos sobre as regras gramaticais, compare e explique a função desempenhada pela palavra “que” nas duas ocorrências em negrito.
- B) O trecho destacado no fragmento da notícia poderia ser introduzido por vírgula. Dessa forma, o mesmo período poderia ser transcrito a seguir. Um grupo de cerca de 10 PMs chegou há pouco no local atirando balas de borracha e bombas de gás a fim de dispersar os manifestantes, que continuam jogando pedras e bloqueando a portaria dos fundos do edifício histórico. Explique as diferenças de sentido do trecho “que continuam jogando pedras e bloqueando a portaria dos fundos do edifício histórico” nas duas situações, isto é, no uso com vírgula e no uso sem vírgula.

14. Observe os trechos abaixo.

- A) Com o Ano Internacional da Astronomia, em 2009, muita gente se perguntou: “**mas** o que isso tem a ver com minha vida no dia a dia?”
- B) Há 5 mil anos foram desenvolvidos calendários solares, **mas** as culturas de raízes mais antigas ainda utilizam calendários lunares.
- C) Sua cozinha tem diversos apetrechos e alimentos processados que foram desenvolvidos para essa viagem à Lua. **E** o que seria da vida moderna sem os satélites artificiais?
- D) A Lua, por ser tão visível e variável, toca o conhecimento humano de forma específica. **E** as estrelas? Elas estão se apagando pela poluição luminosa.

Explique cada um dos empregos dos termos em negrito e a relação de sentido que eles estabelecem nos períodos.

15. (Ufal) Com base na coerência linguística requerida para os enunciados seguintes, identifique aquele em que as observações feitas entre parênteses estão corretas.

- 1) **Ao entrar na língua**, ela acabou por se submeter a uma série de normas. (O segmento destacado expressa um sentido de causalidade);
- 2) A língua que mais recebe os estrangeirismos, curiosamente, é o inglês, **por ser um idioma voltado para o mundo**. (O segmento em destaque exprime um sentido de causalidade);
- 3) A palavra inglesa delivery não chegou a entrar nos sistemas da nossa língua, **pois dela não resultam outras palavras**. (O segmento destacado estabelece com o outro anterior uma relação de explicação);
- 4) A língua, **que não tem vida independente**, também admite modismos. (O segmento entre vírgulas corresponde a uma oração restritiva. Por isso, o uso das vírgulas);
- 5) Estrangeirismos **aparecem, somem e podem ser substituídos por termos “nossos”**. (O segmento destacado apresenta uma adição de informações).

Estão corretas:

- A) 2, 3 e 5 apenas.
 B) 2, 3 e 4 apenas.
 C) 3 e 5 apenas.
 D) 1, 4 e 5 apenas.
 E) 1, 2, 3, 4 e 5.

Resoluções

01. O texto defende que compaixão, solidariedade, respeito ao próximo deveriam ser mais valorizados do que a informação.
02. O fragmento que melhor descreve o comportamento anti-heroico é: “ninguém naquela plataforma botou de lado o medo e escolheu agir para salvar o cara.”
03. Considerando o 8º parágrafo, percebe-se que, muitas vezes, jornalistas vivenciam dilemas éticos no exercício da sua profissão.
04.
 A) A informação implícita no fragmento refere-se ao fato de, apesar de haver a lei da igualdade de direitos, no dia a dia, as mulheres continuam sem poder usufruir de todos os seus direitos.
 B) A expressão é “ao menos”.
05. A contradição diz respeito ao fato de a mulher ter conquistado mais espaço no mercado de trabalho e mais direitos sociais e políticos, mas continuar presa a valores conservadores, assumindo atitudes de submissão ao homem.
06.
 A) A ser estimulado / provocado / induzido / incitado / incentivado / impelido, conduzido, desorientado, lançado na infundável catarata dos produtos.
 B) Os fichas-sujas aproveitam-se desse estado de submissão / passividade / renúncia / conformação / conformidade da opinião pública para alegar que indignação é ‘coisa da mídia’.
07. O assunto é a escassez de tempo no cotidiano. Como exemplo, há os verbos acordar(sobressaltado), tomar (o café correndo), ler (o jornal no ônibus porque não pode perder tempo), cochilar (no ônibus porque está cansado); que indicam a série de ações realizadas em um dia.
08. O papel do último parágrafo é retomar o que foi dito sobre a acomodação, apresentando sentido de conclusão.
09. O efeito de sentido produzido pela pontuação é o de reforçar/ressaltar / dar ênfase à reprovação sobre a acomodação das pessoas.
10. “Ansioso” escreve-se com “s”, e não com “c”.
11. “Corações solitários” é um dos bons contos de Rubem Fonseca. A trama é a seguinte: um repórter desempregado aceita emprego novo, responder à correspondência das leituras de uma revista feminina. Assina com nome feminino, para permitir a necessária confiança e dar credibilidade ao trabalho. Recebe cartas de todos os tipos – quer dizer de pouquíssimos tipos, são as mesmas coisas de sempre – e dá respostas estereotipadas sobre como cuidar de filhos, de filhas, de maridos, de amantes, da saúde etc. Um tal Pedro Redgrave, no entanto, estabelece com ele uma correspondência mais sólida. Cartas e respostas se sucedem. Até que um dia o repórter descobre que Pedro Redgrave é de fato seu chefe. As razões pelas quais lhe escreve são ambíguas, e nisso reside o interesse principal do conto. Leiam. É ótimo.

12.

L. 2 "O Magnífico... do Rio Grande do Norte Prof. Dr. José ...	O Magnífico... do Rio Grande do Norte, Prof. Dr. José...
L. 5 "neurociência"	"Neurociência" (maiúscula)
L. 7 "Neurociência ocorrerá..."	"Neurociência, ocorrerá..." (maiúscula)
L. 9 "as 8:30 hs ... dessa Reitoria"	"às 8h 30min ... desta Reitoria."

13.

- A) Na primeira ocorrência, o "que" é uma conjunção integrante. É um conectivo que não tem a função de substituir algum termo da oração, mas que integra uma oração dependente. Na segunda, o "que" é pronome relativo e desempenha a função sintática de substituir um termo da oração anterior. Na primeira situação, a conjunção integrante "que" serve para introduzir o complemento do verbo "informar", ou seja, a oração subordinada substantiva objetiva direta. Na segunda ocorrência, o pronome relativo "que" refere-se ao termo "manifestantes" e, portanto, desempenha a função sintática de sujeito da oração subordinada adjetiva.
- B) Na primeira situação (sem vírgula), tem-se uma oração subordinada adjetiva restritiva. Na segunda (com vírgula), trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa. O sentido criado na primeira situação é que nem todos os manifestantes continuavam a jogar pedras e a bloquear a portaria dos fundos do edifício histórico. Assim, há dois grupos de manifestantes: aqueles que continuam a jogar pedras e a bloquear a portaria dos fundos do edifício histórico; e aqueles que não continuam a jogar pedras e a bloquear a portaria dos fundos do edifício histórico. A oração adjetiva restritiva em questão refere-se apenas àqueles manifestantes que continuam a jogar pedras e a bloquear a portaria dos fundos do edifício histórico. De acordo com a notícia, os policiais queriam dispersar apenas os manifestantes que continuavam jogando pedras e bloqueando a portaria. No segundo caso, não se estabelecem diferenças entre manifestantes que continuavam a jogar pedras e a bloquear a portaria e outros manifestantes que já não participavam do referido ato. Assim, de acordo com essa segunda versão, os policiais queriam dispersar todos os manifestantes, independentemente da natureza de sua participação naquele momento.

14. Em (A), o operador *mas* foi empregado em sentido retórico, o que contraria seu valor primário/básico de oposição / contradição de ideias (aceitam-se também respostas tais como: o operador *mas* foi empregado para destacar..., dar foco..., realçar..., refletir sobre..., evidenciar..., enfatizar..., intensificar um questionamento ou uma pergunta; ou, ainda: o *mas* foi empregado sem necessidade e com sentido enfático). Diferentemente do que se verifica em A, em (B) esse operador assume seu valor mais comum, estabelecendo relação de oposição com o contexto precedente. Em (C), o conector *E* também assume valor retórico, assemelhando-se com o *mas*, em A. Nesse caso, *E* não funciona como elemento tradicionalmente responsável pela adição de ideias/argumentos às partes do texto, *mas* serve como desencadeador de uma pergunta a ser respondida ao longo do texto. Em (D), o conector *E* assume seu valor básico / primário, ou seja, estabelece relação aditiva com o contexto precedente.

15.

- 1) **Incorreto.** O segmento destacado expressa um sentido de temporalidade ('quando entrou na língua...').
- 2) **Correto.** De fato, o segmento destacado tem um sentido de causalidade ('pelo motivo de ele ser...').
- 3) **Correto.** O segmento destacado, introduzido pela conjunção 'pois', estabelece, claramente, uma relação de explicação.
- 4) **Incorreto.** A oração em destaque é explicativa. Por isso, o uso das vírgulas.
- 5) **Correto.** Há vários sinais de que se trata de informações adicionadas umas às outras.